



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



HISTORIA DO PEIXE AZUL E DA PRINCESA CURIOSA

Por JOSE D'ALDEIA

ERA uma vez um rei do oriente muito rico e poderoso. Pouco tempo depois de ter casado com a princesa Pu Y, que era a mais formosa pincesa de todo o oriente, esta morria legando-lhe uma filhinha de poucos dias.

A dor do bondoso rei foi enorme mas depressa se convenceu de que tinha um sagrado dever a cumprir no mundo, além da regência do seu vasto reino: — amparar a sua única filha, educando-a e preparando-a para lhe suceder.

Senhor, como já disse, duma enorme fortuna, fácil lhe era rodear a sua filha de tudo quanto fôsse necessário para fazer dela uma sucessora, com todas as qualidades nobres.

Os anos sucederam aos anos, e a princesinha Ling Fu, já então com desoito primaveras, era o orgulho do seu pai, e a admiração do seu povo, que a idolatrava pela sua formosura, bondade e até tacto politico, que já começava a patentear, ajudando seu pai na árdua missão de governar.

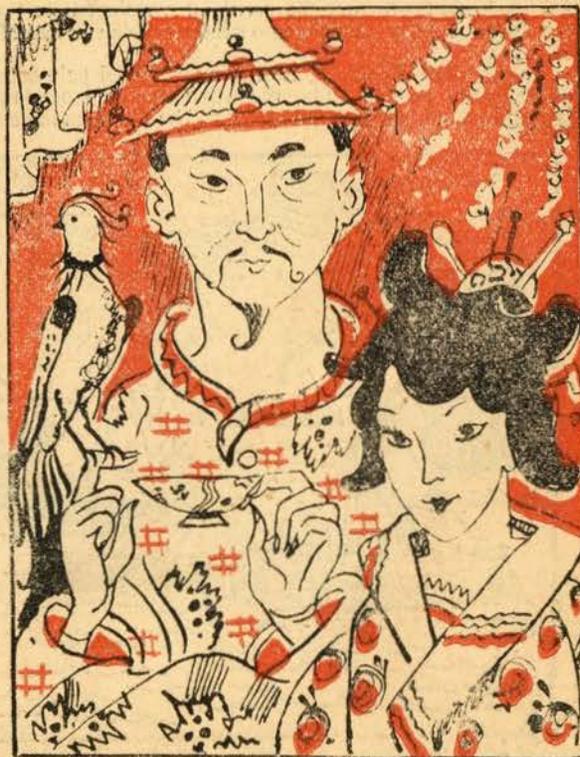
Tinha, porém, um defeito, a empanar todas as suas virtudes: Era duma curiosidade extrema, curiosidade que seu próprio pai repreendia com paternal bondade.

Meu pai, — (dizia ela quando ouvia uma censura á sua insaciável curiosidade) — eu preciso conhecer tudo, instruir-me, analisando quanto Deus cria e quanto os homens occultam á perspicácia da mulher. Só assim poderei vir um dia a ser uma rainha completa.

Ora, no jardim do palácio real existia uma gruta, fechada a sete chaves, as quais estavam na posse do rei, que não consentia que qualquer pessoa ousasse penetrar nela.

Era a gruta de peixe azul.

Por fóra, já de tempo imemoriais, lia-se o seguinte





Quem ousar penetrar nesta gruta, receberá um severo castigo.

A princesa Pu Yi, já tinha sido advertida pelo pai, de que nunca deveria abrir essa porta, que ele desejava entregar intacta ao seu sucessor, conforme juramento feito a seu pai, o famoso rei Tchang Fu, á hora da morte.

Mas um dia em que o rei estava ausente, cedeu á tentação da sua curiosidade, e, pegando nas chaves que o rei guardara no cofre sagrado, encaminhou-se para o jardim.

Chegado ao pé da gruta, um estremeçimento lhe percorreu o corpo. Tinha medo! O que sucederia? Após dolorosas hesitações, a curiosidade venceu-a, e, ei-la que dá resolutamente a volta á chave de ouro e que abre a porta.

Um grito ecoou pelo vasto jardim, e, em poucos momentos, todo o pessoal do palácio se precipitou para o jardim.

A gruta lá estava aberta. Mas dentro da Taça onde devia estar o célebre Peixe Azul, só se notava uma grande nódoa de sangue. Chamado o rei a toda a pressa, foi mudo de horror que ele verificou a violação da terrível gruta e o desaparecimento misterioso da sua querida filha.

Os dias sucederam-se, e o rei inconsolável pelo desaparecimento da sua filha, passava todos os momentos sentado no seu mirante, á beira mar. Um dia, num impeto

de desespero, erguendo as mãos ao céu, chamou: — «Minha filha!»

De longe, muito de longe, através do mar imenso, misturado com o marulhar das ondas, ouviu um gemido triste e dolorido, como o de um moribundo: — «Meu pai!»

Nessa noite deitou-se agitado, nervoso. A custo adormeceu, com um sono entrecortado de pesadelos. Sonhou que estava sentado a beira mar, e que, lá ao longe, donde o mar imenso parece engastar-se no firmamento, uma voz, a de sua filha, lhe dizia entre soluços:

— «Vem buscar-me, meu pai. Estou encantada no peixe azul, e soffro muito com os horrores que o mar me faz passar.

No dia seguinte, o rei, sôb o domínio do seu sonho, ordenou que os seus estaleiros construíssem, a toda a pressa, dez mil barcos de pesca, os quais, após alguns meses, partiam com pescadores, a-fim de procurarem o Azul.

Já havia alguns meses que elles andavam nessa faina. Um dia, o rei, aguardava a chegada dos barcos, nas suas visitas diárias ao mar imenso.

N'isto, um grito doloroso, partia do mar: — «Meu Pai!» Vinha de tão próximo, que parecia que fóra trazido pelas ondas que se quebravam junto á praia.

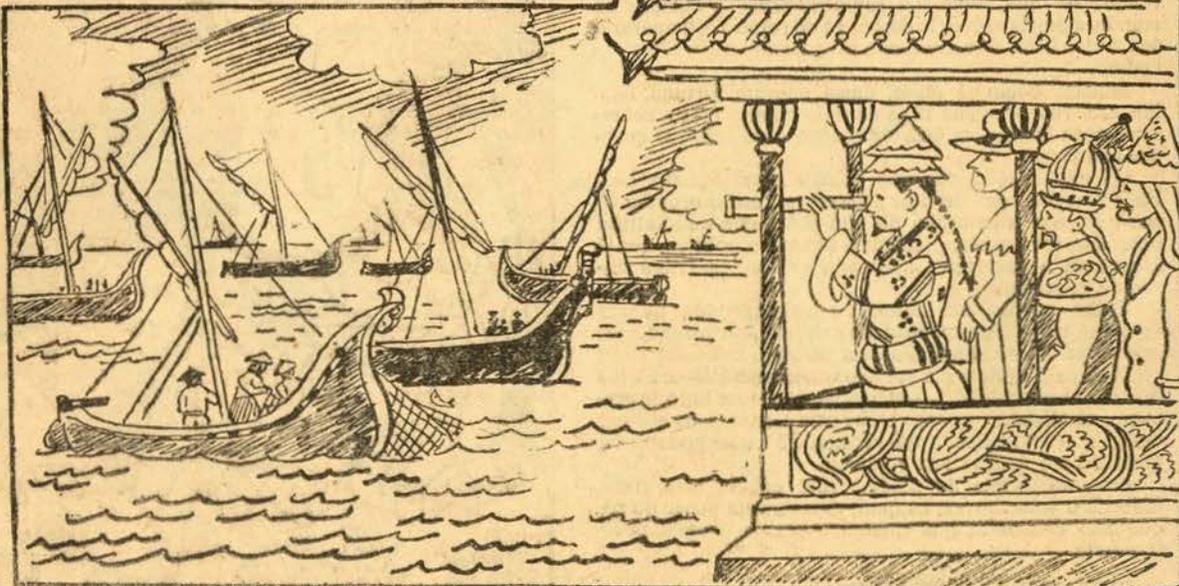
Sem perda de tempo, ordenou aos pescadores que lançassem as suas rédes ao mar.

E com tanta felicidade o fizeram, que o Peixe Azul foi apanhado.

Levado á gruta, foi nõvamente metido na sua taça. Acto continuo a princesa descia as escadas do palácio, e, lançando-se nos braços de seu pai, jurou-lhe que nunca mais seria curiosa.

E aqui teem os meus meninos, como a curiosidade exagerada é um defeito que nos pode acarretar maléficas conseqüências. A curiosidade é uma virtude, em tudo quanto concorra para o aperfeiçoamento do nosso caracter e educação. Para aquilo que nos não dá honra nem proveito, antes nos prejudica, jámais devemos empregar a nossa curiosidade.

F I M



AMOR MATERNO

Por GRACIETTE BRANCO

Tenho a riqueza, o poder,
que existe de mais valor!
— Tenho mãe! Não pode haver
uma riqueza maior!

Se algum cão, ladrando, vem,
numa curva do caminho,
logo surge a voz da mãe:
— «Tem cuidado, meu filhinho!

Se a língua aparece suja,
se o pulso bate depressa,
ou se o menino rabuja,
logo a mãe faz a promessa

de rezar um longo terço,
entre suspiros e ais,
e da caminha ou do berço
não se afasta nunca mais...

Com passinho cauteloso,
lembrando um anjo do céu,
o seu perfil ansioso
vem debruçar-se no meu!

E o coração, a sorrir,
seu amor nobre e profundo,
sabe sempre repartir
pois é maior do que o mundo!

Amor que tudo aconchega
e guia, nos feios trilhos!
Coraçãozinho que chega
para uma dúzia de filhos!

Protector, divino abraço!
Tudo amparas, acarinhas!
Abençoado regaço
onde medram criancinhas!

Anjo da guarda divino,
lindo raiar de manhã!
Nome breve, pequenino
duas sílabas: — Mamã!



■ FIM ■

JOÃOZINHO e os PIRILAMPOS

Por AUGUSTO de SANTA-RITA

COMO a noite estivesse muito quente, a mamã de Joãozinho deixou-o ir brincar para o jardim.

O céu estava cheio de estrelinhas e os canteiros cheios de flôres.

Era a primeira vez que Joãozinho baixava ao jardim àquela hora.

A mamã bordava no terraço mas mal desviava os olhos do menino.

Joãozinho admirou no lago os peixinhos encarnados e achou-os ainda mais bonitos àquela hora da noite.

Depois, dirigiu-se a um canteiro onde, entre um renque de malmequeres, descobriu três pirilampos, no escuro, fosforescentes.

Apanhando-os e pondo-os na palminha da mão, correu para junto da Mãe e, mostrando-lhos, em alvoroço, clamou:

— «Mamã, mamã!... Caíram lá do céu três estrelinhas!»



■ F I M ■

ACTO UNICO

CENA I

Num jardim; á esquerda casa, á direita mesa onde Rosita está preparando um chá e cantando a meia voz

ROSITA — Está bem assim, não me vá eu enganar. É a primeira vez que organiso um lanche sózinha e quero sair-me bem. Aqui, fica a Maria, ao lado a Marta, ao pé de mim o Luís e, deste lado, o Jorge. Pouco posso enfeitar a mesa porque há poucas flores, mas... então não me ia esquecendo do bolo que tanto trabalho me deu a fazer? Ó Ana traze o bolo, sim?

ANA — Vou já buscá-lo (vai a casa e volta com o bolo) Aqui está, minha rica menina, todo lourinho; vê como ficou bonito!

ROSITA — É verdade.

ANA — E, para fazer mais vista, puz-lhe passas e amêndoas; como era para a menina!...

ROSITA — Obrigada, minha boa Ana. (Ana sai) Pronto, agora é que já está tudo em ordem e podem chegar os meus convidados. (Toca a campainha do portão, Rosita vai abrir) Entra Luís.

CENA II

Rosita e Luís

ROSITA — És o primeiro a chegar.
LUÍS — O primeiro? E eu que julgava vir tarde...
ROSITA — Não, ainda não chegou ninguém.



LUÍS — Então que horas são? Julguei ter ouvido dar quatro horas?

ROSITA — São três e meia.
LUÍS — Então, foi engano meu; mas antes assim do que atrazado; e quem esperas?
ROSITA — A Maria, a minha prima que veio há pouco do colégio.

LUÍS — Lembro-me dela; é muito simpática.
ROSITA — Deve vir o Jorge Almeida...
LUÍS — Ainda bem, gosto tanto dele.
ROSITA — ...A Marta.
LUÍS — (fazendo careta) Ah!
ROSITA — Porque fazes essa cara?

LUÍS — Tu bem sabes, ouve; vou falar-te com franqueza. Não é uma boa amiga, é tola, orgulhosa e está insuportável desde que foi passar seis meses em Inglaterra; só fala de gente rica e bem posta. Ante-ontem recusou ir a nossa casa porque eu tinha convidado, para o mesmo dia, o filho do nosso caseiro.

ROSITA — É certo?

LUÍS — Ela própria m'o confessou.
ROSITA — Não pensava que ela tivesse mudado assim, porque dantes era amável e bósita, mas desde que voltou ainda a não vi e acredito no que me dizes, embora com pena.

LUÍS — Tu farás o teu juízo porque me parece que aí vem... (Toca de novo a sineta do portão, Ana atravessa a scena e vai abrir)

CENA III

Ana, Luís, Rosita e Marta

ANA — Faça favor de entrar, minha menina.
Marta — (Vestida pretenciosamente, fala de maneiras tolas) Bons dias, meus amigos, como estão? (Da-lhes um aperto de mão com força e ingizeza)
LUÍS — Bons dias, Marta.
ROSITA — (abraçando-a) Eu não posso deixar de te abraçar.
MARTA — Tem cuidado; vais-me amachucar a minha gola.



A DUQUEZA DE MIRAFLOR

Pela Senhora D. CELESTE DE MELO-MENDES

Personagens:—ROSITA, MARTA, MARIA, ANA-(criada), LUÍS e JORGE

ROSITA — (aborrecida) Crédo, parece-me que não seria uma grande desgraça!

MARTA — (compondo a gola) Pois fica sabendo que era; não podia, depois, apresentar-me convenientemente. (Tira um espelho do bolso e vê-se.

ANA... — Então, a pequena teria perdido o juízo?

ROSITA — (aparte) Toleirona (alto) Sabes que há muito tempo não nos vemos?

MARTA — É verdade, há bem seis meses; que foi feito de ti durante este tempo todo?

ROSITA — Fiquei aqui.

MARTA (com desdém) Neste buraco horrível onde a gente se aborrece de manhã até à noite?!

ANA... — Ora, coitada!

ROSITA — E tu que fizeste?

MARTA — A mamã levou-me a Londres. Oh, como eu lá me diverti! Se soubesses como é bonito! Que luxo, que toilettes! Calcula que tinha ido com um vestido feito por uma costureira daqui; assim que lá cheguei, percebi, logo, quanto estava ridícula e a minha mãe mandou-me fazer uma toilette na melhor modista da capital... Se visses que vestido, minha querida! É um encanto: — azul celeste com uns pompons rosa pálido...

LUÍS — (interrompendo). Sim, sim, já sei, que tens muito bom gosto; mas não ficarias mais à vontade sem o teu chapéu?

MARTA — Não; quero primeiro apresentar os meus cumprimentos (A Rosita) à Senhora tua Mãe.

ROSITA — Vai depressa; a Mamã está na saleta. Ana conduz a menina.

MARTA — Até já (atravessa a cena e entra em casa com modos ridículos e tolos).

ANA — Cá vou, mas não gosto nada dela. (sai)

CENA IV

Luís e Rosita

LUÍS — Então, que pensas a seu respeito?

ROSITA — Tens razão, mudou muito e nada a seu favor.

LUÍS — No entanto, ela é inteligente.

ROSITA — Não há dúvida; mas a viagem estragou-a e julga-se muito superior a nós, mas engana-se e, se quizeres, vamos fazer-lhe uma boa partida que a vai curar do seu orgulho, pelo menos para connóco.

LUÍS — (entusiasmado). Oh! Tens-me a teu lado. Mas que vais fazer?

ROSITA — (depois de pensar) É muito simples. Toda a gente sabe que a Duquesa de Miraflor veio com a filha, que é da nossa idade, passar aqui as férias; a Marta sabe-o, também, com certeza.

LUÍS — E então?

ROSITA — Então? A minha prima Maria, como já te disse, deve assistir ao nosso lanche e não deve tardar aí; a Marta não a conhece e vamos fazer-lhe acreditar que é a filha da Duquesa de Miraflor.

LUÍS — Bravo, vai ser muito engraçado; mas é preciso prevenir a Maria.

ROSITA — Fica à minha conta. Ela mora aqui, mesmo ao



lado; o tempo de sair e voltar para lhe explicar tudo. Não me demoro nada; se a Marta vier, vai conversando com ela e não te esqueças de gabar as suas perfeições.

LUÍS — Está descansada. Ela há-de ficar satisfeita comigo. (Rosita sai).

CENA V

Luís, Rosita e Marta

LUÍS — Ah! Ah! Ah! A brincadeira vai ser engraçada. A toleirona da Marta. Ela julga impôr-se porque esteve 6 meses em Inglaterra! Quem a ouve, parece que foi recebida na corte e frequentou os melhores salões de Londres. Sempre é preciso ter bem pouco senso...

ANA — O' menino, quando tocarem, chame por mim, pois já estou um pouco surda e tenho medo de não ouvir.

LUÍS — Está descansada que te darei um grande grito.

ANA — Muito obrigadinha. (sai)

LUÍS — Já me parece ouvir a Rosita de volta; não demorou, na verdade, senão um momento. (Rosita entra)

ROSITA — Está tudo combinado, vamo-nos fartar de rir! Sabes que a Maria é ótima para essas coisas, porque fica muito séria e tem muito jeito para imitar as pessoas.

LUÍS — Mas a Marta não se zangará?!

ROSITA — Não o crelo; em todo o caso o pior é dela, porque se não reconhecer os seus erros, dispenso-a bem como amiga.

LUÍS — E eu também.

ROSITA — Aí volta ela, cuidado! E' preciso representarmos bem para ela não suspeitar. (dirigindo-se a Marta) Então, conversaste muito com a Mamã?



MARTA — Sim, ela perguntou-me muitos detalhes da minha viagem e o que lhe contei interessou-a muitíssimo. Eu expliquei-lhe como se vestiam as Duquezas, as Condessas, as...

ROSITA — É verdade, a propósito: tinha-me esquecido dizer-te que espero uma.

MARTA — (Espantada) Uma, quê?!

ROSITA — Uma Duquesa, ou, melhor, a filha de uma Duquesa.

MARTA — Estás a mangar comigo?

ROSITA — Olha que ideia!

MARTA — (Insistindo) Uma Duquesa, uma verdadeira?

ROSITA — Certamente; é a filha da Duquesa de Miraflor, que está aqui a passar as férias.

MARTA — Aquela a quem pertence o lindo Castello á entrada da cidade? E tu dizes que ela vem aí?!

ROSITA — Pois vem.

MARTA — Que honra para nós... Ela vem de automóvel, estou certa...

ROSITA — Não.

MARTA — De carro, então, com a sua professora?!

ROSITA — Não.

MARTA — Ah, sim; incógnita. É mais divertido para ela, porque pode fazer o que lhe aprouver sem a conhecerem. Mas, agora, que sei... (Toca a sineta do portão)

ROSITA — Justamente aí está ela.
MARTA — Depressa, corram; vamos abrir o portão. (Correm todos; quando Luís abre a porta, Maria entra, cerimoniosamente, com um ar muito digno e fala altivamente).

CENA VI

Rosita, Maria, Luís e Marta

MARIA — Boas tardes!
ROSITA e LUÍS — Minha senhora!
MARTA — (comovida) Dá-me licença que lhe beije a mão?

AS ANDORINHAS

Por FELIZ COSTA VENTURA



Em ranchos alegres,
nossas amiguinhas,
lá veem voando
lindas andorinhas!

Curvas graciosas
descrevem no ar!
Ai quantas canseiras
elas não tiveram
para cá chegar.
Mas todas, em bando,
lá veem chegando,
sempre a chilrear!

— «Oh sede bemvindas!...»
lhe dizem as rosas
frescas e formosas
lá em seus jardins.
— «Oh sede bemvindas!...»
lhe dizem nas hastes
os lindos jasmíns.

E as belas abelhas
que andam voando,
murmuram também:
— «Oh, sede bemvindas!...»

E emtanto, voando
frescas e formosas,
lá vão espalhando
curvas graciosas,
airosas, tão lindas!

MARIA — (*estendendo dois dedos, desdenhosamente*) Ora essa, à sua vontade.

MARTA — (*Beijando a mão*) Obrigada, estou tam comovida com a honra de a conhecer... ouvi muita vez falar do seu nome em Inglaterra e desejava muito...

MARIA — (*Bruscamente*) Está bem, basta de histórias e discursos! Eu não vim aqui para me maçarem com cumprimentos, mas para tomar chá com os meus amigos. Já estará pronto o lanche? Tenho uma fome...

ROSITA — A Ana vai já servi-lo. Ó Ana. (*Vai a easa e Ana vem servir o chá a todos os que se sentaram*).

ANA — Menina?

ROSITA — Vem servir o chá.

ANA — Pois sim menina, já aqui o trago e bem quentinho.

MARTA — (*A Maria*) Que lindo é o seu castelo!

MARIA — Sim, não é feio, mas é o pior dos 17 que possuo.

MARTA — (*Abrindo muito os olhos*) 17?

MARIA — Espanta-se? Meu Deus, quando se tem 15 a 20 mil contos não é muito possuir 17 castelos.

MARTA — (*Olhando pasmada*) Mas se V. Ex.^a se servisse?

ROSITA — Que preferem, minhas amigas? Estes bólos ou um biscoito? ou, ainda, uma fatia dêste bólo feito por mim?

ANA — Olhem que fui eu que lho ensinei e é bem bom.

MARIA — Ai, para mim tudo é ótimo porque estou com um enorme apetite, e, depois, isto refaz-me um pouco das goloseimas, cremes, doces, pudins complicados, etc., que nos servem todos os dias em casa.

MARTA — (*Timidamente*) Ih!... tanta coisa?

MARIA — De onde sai a menina?! A mesa de minha casa é a primeira de toda a Europa. E todos os soberanos que se sentaram a ela, acharam uma especialidade.

ANA — Ai, quem será que se sentou à mesa dela?! Não as entendo!

MARTA — A primeira da Europa?!

(*Enquanto todos conversam frente à cena, entra Jorge devagar. Vem pé ante pé e põe as mãos sôbre os olhos de Maria*).

CENA VII

Rosita, Maria, Marta, Luís, Jorge e Ana

JORGE — Coucou! Sou eu... (*Levantam-se todos, de repente*).

MARTA — (*Espantada e irritada*) O que faz êle à filha da Duqueza de Mirafior? (*Dão todos uma gargalhada*).

ROSITA — (*a Marta*) Minha grande tonta! Olha, a filha da Duqueza de Mirafior é simplesmente a minha prima Maria; fizemos troça de ti, e da tua ridícula toleima.

JORGE — E eu sem saber nada da vossa combinação! Escangalhei a brincadeira!

LUÍS — Não faz mal, Jorge; já era tempo.

MARTA — (*Vexada*) Estou vendo o papel que fiz!

MARIA — Seja boa; perdõe-nos a brincadeira! Ninguém é perfeito; todos temos o nosso defeitozito e quizemos ver se conseguíamos curar um dos seus. Era bom que fizessem o mesmo aos de cada um de nós! (*Beijando-a*) Vamos, ria-se e acabemos alegremente êste lanche, juntos, todos satisfeitos e contentes, na mais franca camaradagem!

MARTA — Não posso; é desagradável mangarem assim comigo!

JORGE — Então! Então, tenha calma...

LUÍS — Vá lá um pequeno esforço e vencerá a sua relutância.

ROSITA — Vê como somos todos tão amigos e nos damos tão bem! Ficas sendo dos nossos.

ANA — Ai, minhas ricas meninas, são todas tão lindas; fazem mesmo um lindo «grupio».

MARTA — Têm razão; eu era uma tóla e vejo bem quanto me tornei ridícula. Fizeram troça de mim e eu merecia-o.

ROSITA — Bravo, volta a minha querida Marta doutros tempos.

LUÍS — E assim é bem mais simpática.

MARTA — Fiquem tranquilos; não me esquecerá a lição e lembrar-me-hei sempre de que, para ter amigos, nada há como ser-se simples e sincero, para nos pagarem da mesma forma... De quem foi esta idéa?

ROSITA — Minha; não me queres mal?

MARTA — Dá-me um beijo e obrigada.

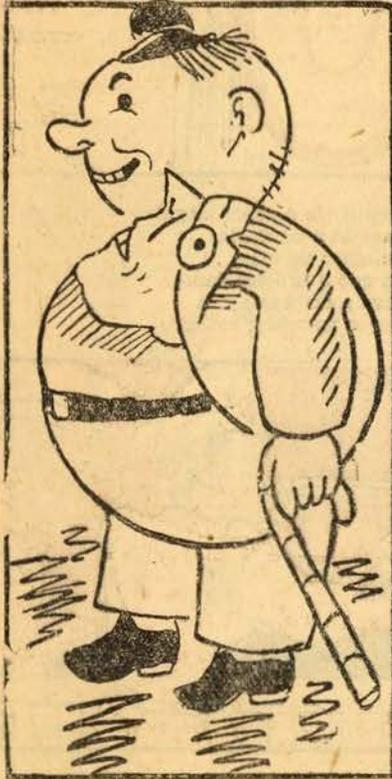
ANA — Então, a gente não se há-de comover?! (*Com a ponta do avental limpa uma lágrima*).

CORRESPONDENCIA

Guilherme Silva: — Recebemos os teus desenhos que serão publicados a seu tempo.

Maria da Conceição Lourinho: — Recebemos o teu livrinho que muito agradecemos. Parabens à pequenina autora que há-de vir a ser uma escritora ilustre.

TIO PAULO



Meus meninos:

Este é o retrato do Zé Pancrácio, tirado na ocasião em que ia jogar a bisca com seu amigo Estanislau. Vejam se descobrem este último.

PARA OS MENINOS COLORIREM



CHARADAS E ADIVINHAS

- + to = sem pecados
- + baco = planta séca
- + ar = moer um barco

Conceito: Cidade da Estremadura

- } Há em todas as praias (1)
- } Há nos conventos (2)

Conceito: — Nome de Mulher

HENRIQUE FERRER SIMÕES

Sou objecto de fechar,
em buracos estou presa;
Sou apelido vulgar
e uma terra portuguesa,

charas

Sou de humilde profissão,
Sou monturo de farrapos,
Sou moradia bem alta,
e depósito de trapos.

Solução da anterior: — Cravo

Decifração dos enigmas anteriores: — Do mal o menos. Olho por olho, dente por dente.

LIÇÃO DE DESENHO



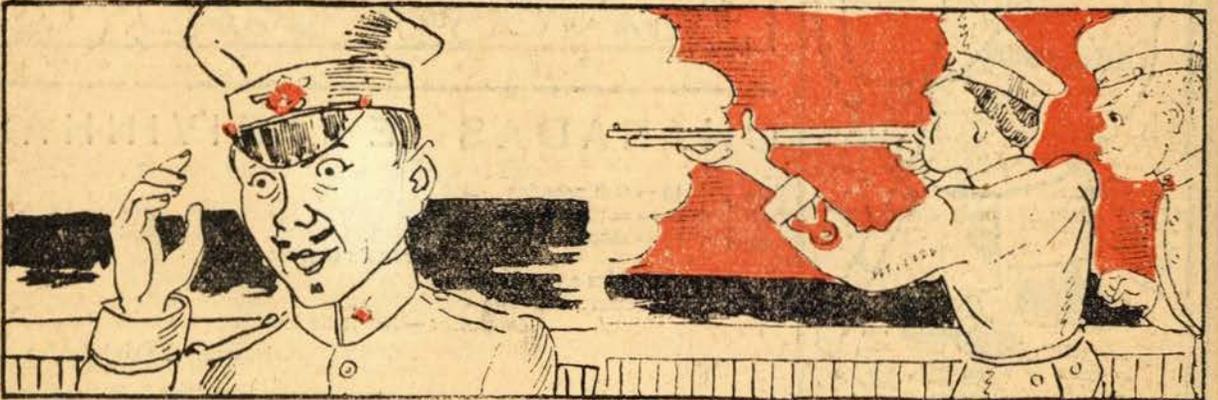
Como se desenha a cabeça dum arlequim...

TIROS FALHADOS



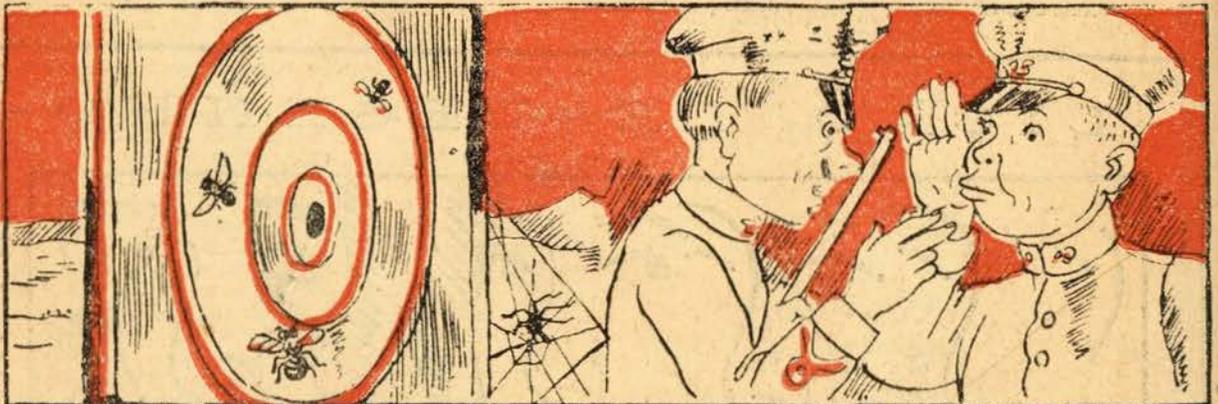
I — Numa carreira de tiro, um dia, certo magala com seu ar bastante «giro», pois se até mesmo era calvo, não conseguia que a bala desse uma só vez no alvo.

II — Por mais que o pobre magala preparasse a pontaria, o demonico da bala, assim que o tiro era dado, passava a distancia e ia cravar-se no muro, ao lado.



III — Nisto, o oficial instrutor, capitão de infantaria, que era um bom atirador, tira-lhe e arma da mão e, fazendo a pontaria, prepara-lhe uma lição.

IV — «Agora vais vêr!..» murmura o oficial irritado perante a triste figura e a vergonhosa impericia do pobre subordinado que daria um boa policia.



V — Todavia, muito embora fôsse um bom atirador, o oficial em má hora puxou ao gatilho; a bala foi bater bastante fora, deixando a rir o magala.

VI — Mas sem se desconcertar o instrutor, az dos azes, acaba por exclamar ao boquiaberto papalvo: — Vês?! E' assim que tu fazes; como hás-de acertar no alvo?!»